

# **A TRAGÉDIA DA RUA DAS FLORES: A TRAGICIDADE NO ROMANCE DE EÇA DE QUEIRÓS**

Caroline Corrêa da Silva<sup>1</sup>  
Otávio Rios Portela<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo consiste em evidenciar a tragicidade dentro do romance *A Tragédia da Rua das Flores*, de Eça de Queirós, estabelecendo uma relação dos conceitos do trágico como o acontecimento e tragédia como gênero dramático, bem como sendo consequência da relação incestuosa existente entre mãe e filho na narrativa em questão. Tendo como embasamento teórico principal a autora Luciana Leal Ferreira e sua tese de doutorado intitulada *Elementos do trágico em Eça de Queirós: A tragédia da Rua das Flores e Os Maias*.

**Palavras-Chave:** *A Tragédia da Rua das Flores*; Trágico; Tragédia; Incesto.

## **1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

José Maria Eça de Queirós, ou simplesmente Eça de Queirós, foi um prestigiado romancista português do século XIX. Nasceu na cidade de Póvoa do Varzim, no dia 25 de novembro de 1845 e faleceu em 1900 na cidade de Paris. Dentre as principais obras do autor estão *Os Maias* e *O Crime do Padre Amaro*. Traduzidas em vários idiomas, resultou no reconhecimento de Eça como um dos principais nomes da literatura portuguesa. Porém, bem antes destas, o ainda jovem Eça começa sua vida literária publicando folhetins entre os anos de 1866 e 1867, fazendo uso de seu humor e entusiasmo.

O autor retratou variadas temáticas em seus romances, sobretudo, abordou os temas do cotidiano com muita ironia e pessimismo. Temas esses que são bastante recorrentes até os dias de hoje, permitindo que seu leitor consiga trazer a realidade do século XIX para a atualidade, o que não é diferente com o romance a ser destacado no presente trabalho. *A Tragédia da Rua das Flores* traz consigo uma temática que talvez, a época, fosse um tanto polêmica demais, mas que é importante abrir uma discussão,

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

<sup>2</sup> Pós-doutorado em Literatura Comparada pela Universidade do Porto (2013/2014) e Doutor em Letras Vernáculas (Literatura Portuguesa e Africanas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2012). Atualmente está à frente da Cátedra Amazonense de Estudos Literários e Culturais (CAEL), da Universidade do Estado do Amazonas, de onde é professor desde 2008.

sobretudo ao que se trata de uma relação incestuosa, envolvendo mãe e filho involuntariamente.

Essa pesquisa é de cunho bibliográfico, de modo que será exposto o conceito de tragicidade, a partir da relação incestuosa presente no romance supracitado, justificando-se por meio da importância de tal abordagem de uma obra riquíssima, porém pouco explorada, a fim de que não seja conhecida apenas como mais um livro de Eça de Queirós, mas pela riqueza de sua temática e problematização do assunto abordado.

## 2. O ROMANCE PÓSTUMO

*A Tragédia da Rua das Flores* é um romance póstumo de Eça de Queirós, escrito entre os anos de 1877 e 1878. No entanto, passou mais de cem anos sob os cuidados da família, sendo considerado apenas como “manuscritos inéditos do autor”. Foi publicado somente no ano de 1980, ao cair em domínio público. E, ainda que somente tenha sido divulgado muitos anos depois, podendo até ter sido finalizados ou não por outras pessoas, Reis e Milheiro consideram que tais “intromissões” não afetam a qualidade das obras.

As mãos alheias que deixaram vestígios em diversos manuscritos de Eça, nem sempre são fáceis de identificar. Muitas vezes são, com toda a certeza, da filha de Eça, D. Maria de Eça de Queirós, que em diversos momentos trabalhou com os manuscritos de seu pai; noutros casos, essa identificação é difícil ou até impossível. Mas é preciso dizer que, normalmente, essas “intromissões” não prejudicaram a qualidade nem o conteúdo dos manuscritos. Pior do que isso, certamente, foram os acidentes de percurso que o espólio de Eça sofreu, até chegar ao alcance de estudiosos que, agora, naturalmente, lamentam que diversos manuscritos se apresentem incompletos [como é o caso de *Tragédia da Rua das Flores*]<sup>3</sup> (REIS; MILHEIRO, 1989. p. 59)

Supõe-se que a família do romancista tivesse certo receio em relação à publicação da obra, visto que conteria uma temática polêmica demais para a realidade vivida na época. Devido tanto a relação de Genoveva e Vítor, quanto aos trechos de alto realismo contidos. Dentre as diversas versões e edições, não há registros de uma edição crítica. No entanto, para alguns, acredita-se que *A Tragédia da Rua das Flores* seja uma versão ainda mais cruel, realista e trágica de *Os Maias*, servindo como uma espécie de esboço para o mesmo.

Com um tom pessimista e um tanto amargo contido no romance, o próprio autor diz que “A Tragédia... era um livro cruel que podia ser resumido do modo seguinte:

---

<sup>3</sup> Grifos nossos.

Trata-se de um incesto involuntário” (QUEIRÓS, 1877)<sup>4</sup>. A narrativa conta a história de Joaquina da Ega (que mais tarde será chamada Genoveva), casada com Pedro da Ega e vivendo em Lisboa. Após o nascimento do filho, acaba abandonando sua família para fugir com um homem para a Espanha, onde vira cortesã.

É importante destacar que o autor apresenta Genoveva aos leitores claramente como uma mulher que não tem escrúpulos, faz tudo para ser rica, ter uma boa vida não importando a que venha a se submeter. Tal situação fica evidente quando chega a prostituir-se para poder sustentar seus gostos, sua vida e não vê problema algum. Um tempo depois, já em Angola, Pedro da Ega morre e Genoveva casa-se novamente, dessa vez com um velho rico e senador, chamado M. de Molineux, com quem vivia em Paris. Porém, um tempo se passou e há a queda de Napoleão Bonaparte e a morte do marido, obrigando-a a retornar à Lisboa.

Logo ao chegar, Genoveva envolve-se com Dâmaso, um homem que é descrito como velho, gordo, baixo e feio; seu principal objetivo é explorá-lo sem piedade alguma e assim o faz. Tanto que um dos presentes foi um apartamento na Rua das Flores. No entanto, no auge dos seus 39 anos conhece um jovem de 23 anos, bacharel em Direito, chamado Vítor da Silva, por quem se apaixona perdidamente. Após completar 40 anos, começa a traçar planos para voltar à Paris com o verdadeiro amor de sua vida e longe de Dâmaso. Porém, Vítor não queria fugir e largar toda a sua vida sem ter um sustento e tornar-se dependente dela, o que atrasou totalmente os planos do casal.

Presenciando toda a situação, Timóteo, o tio de Vítor, vai ao apartamento de Genoveva; o motivo inicial da visita seria apenas conhecer com quem o sobrinho se envolvera, mas uma reviravolta acontece na história, quando ele reconhece a voz daquela mulher e faz algumas perguntas para confirmar se era quem ele imaginara; então, decide contar toda a verdade. Genoveva era exatamente quem acreditava ser, namorada de infância de Timóteo, ex-mulher de Pedro da Ega e, pasmem, mãe de Vítor da Silva.

Ao saber da verdade, que mantinha um relacionamento com o próprio filho, Genoveva não conseguiu lidar com a sensação de impureza e comete suicídio, atirando-se da janela do seu apartamento, na Rua das Flores. Vítor presenciou toda a cena, porém nunca chegou a compreender tal atitude, nem sobre a verdade. Genoveva levou aquele segredo guardado consigo, segredo este que Timóteo também nunca revelou ao seu sobrinho e este sofreu com tanta tristeza por ter perdido a mulher de sua vida e viveu

---

<sup>4</sup> Retirado do prefácio da própria obra, *A Tragédia da Rua das Flores*, escrito por João Medina.

seus dias de luto, como se fosse um viúvo.

Para quem não teve a oportunidade de um contato maior com a obra, fica a dúvida: como, a princípio, Genoveva não reconheceu Timóteo e Vítor? Então, um dos pedidos de Pedro antes de morrer, era que seu irmão e seu filho passassem a usar outro sobrenome, justamente para que, se um dia a mulher voltasse, não os encontrasse ou não os reconhecesse, pois sua vontade era que os mesmos não mantivessem contato algum outra vez.

### 3. O TABU DO INCESTO

A palavra “incesto” origina-se do latim *incestus* e, em conformidade com o “Dicionário Latim-Português: termos e expressões”, denota um sentido de impureza, obscenidade, poluição. Dando a entender que uma família em que ocorre um caso de incesto, torna-se completamente manchada por esses sentimentos que desonra a parentela perante a sociedade que a julga. De acordo com o dicionário Aurélio, “incesto” é um substantivo masculino que possui o significado “relação sexual entre parentes, dentro dos graus onde a lei, a moral ou a religião proíbe o casamento”.

No âmbito social, é importante destacar que tal ação é taxada da proibição do que pode ou não pode fazer. O incesto é visto como um mal-estar à sociedade, pois é uma relação entre pessoas tão próximas, que se torna repugnante para a sociedade, sendo até mais reprovada que relações extraconjugais, ainda que a família possua uma vida normal.

Já para a ciência, o incesto é algo muito perigoso, principalmente em relacionamentos que geram filhos, pois são mais propensos a terem séries de problemas, devido à combinação dos padrões genéticos. Assim, colocando em risco a sua espécie, já que tal situação põe em risco a raça humana, de um ponto de vista genético.

Cohen e Gobbetti (1998, p. 02) no artigo “*O incesto: o abuso sexual intrafamiliar*”, citam a dificuldade que há para conceituar o incesto dentro da sociedade: “Para nós, a dificuldade de conceituar o incesto encontra-se no fato de envolver dois conceitos sociais, que podem variar segundo a época e a cultura: o abuso sexual e a família.”. Com isso, vemos que é algo totalmente restrito ao âmbito familiar e quem está fora desse meio não possui o poder de julgar ser correto ou não. Entretanto, ainda que seja aceito pela família, por mais difícil que seja, continua sendo uma situação considerada incorreta e impura perante a sociedade no geral, inclusive tal assunto está presente nos códigos de conduta que regem os cidadãos brasileiros no meio jurídico.

Para se falar sobre o âmbito jurídico, precisamos saber primeiramente a diferença entre Código Civil e Código Penal. Código Civil é, nada mais que, um conjunto de regras e normas que ditam os deveres e direitos das pessoas que compõem a sociedade. Já o Código Penal é onde estão listados, caracterizados e classificados todos os crimes com suas devidas penalidades. Neste âmbito, a conduta do incesto não é relevante, o que quer dizer que um pai manter relação sexual com sua filha ou uma mãe manter relação sexual com seu filho não é considerado crime no Brasil, se as duas partes forem maiores de idade e desde que seja uma relação consentida, sem violências, ameaças ou obrigações. Apesar de tal atitude não ser vista com bons olhos pela sociedade, o legislador decidiu que nada faria sobre isso, tendo em vista que não há nada registrado no Código Penal, também não há nenhuma tramitação.

Já no Código Civil, há no artigo 1.521 – lei 10406/02, uma proibição definida. Dessa forma, é necessário que se fale sobre o que realmente é considerado crime, sabemos que o incesto em si não é crime, porém se uma das partes, no caso a criança, ainda for menor de 18 anos, o incesto é caracterizado como abuso sexual, mesmo que seja com consentimento. Infelizmente, há inúmeros casos de abusos sexuais incestuosos no Brasil, na sua maioria as vítimas são meninas menores de 14 anos.

Para a religião, ao lermos os primeiros livros da Bíblia, observamos que a proibição ocorre apenas em Levítico 18.6 “nenhum homem se chegará a qualquer parenta da sua carne, para lhe descobrir a nudez”, que foi dada a partir do tempo da lei de Moisés. Pode-se observar que a prática do incesto é algo que causa um certo “escândalo” perante os homens e nada do que escandaliza agrada a Deus. Em 1 Coríntios 5, há uma passagem que fala abertamente sobre o ato, em que as palavras do apóstolo Paulo causam estranhamento por serem tão duras em relação a isso, pois fala que, para o homem que mantinha relações sexuais com sua madrasta era melhor que entregasse sua alma ao diabo que seria salvo. A dureza das palavras do apóstolo não diz somente sobre a prática, mas sim sobre a perplexidade que causava em muitas pessoas que presenciavam ou ficavam sabendo daquilo. No entanto, é algo contra a vontade de Deus, algo que para o evangelho não é aceitável.

### **3.1 O INCESTO NA LITERATURA**

Sabe-se que o incesto é uma temática recorrente na literatura, não é como se Eça de Queirós tirasse o mofo de um conteúdo e resolvesse escrever sobre um assunto

desconhecido e, por isso, possui duas obras sobre um mesmo assunto. Sendo assim, abordamos aqui, três obras de momentos distintos da literatura, mas para início cabe uma reflexão de Leal:

De maneira geral, no romance ou drama, o incesto é resultado de engano: filhos separados desde pequeno dos pais; irmãos ou primos educados distantes uns dos outros, depois de algum tempo encontram-se de modo imprevisível e, por ignorar os laços consanguíneos, praticam invictamente o incesto. (LEAL, 2014, p. 82)

Uma das mais famosas obras que trouxe a temática do incesto para a literatura é uma peça teatral de Sófocles, chamada de Édipo Rei, que também é uma das mais importantes tragédias gregas e foi escrita mais ou menos em 427 a.C. Logo ao iniciar a peça, o protagonista, Édipo, é encontrando ainda bebê, quando havia sido abandonado com as pernas amarradas para que morresse entre as cidades de Tebas e Corinto; mas acaba sendo encontrado por um pastor que tem piedade e a criança acaba sendo adotada pelo rei de Corinto, chamado Pôlibo.

Depois de um tempo, Édipo já adulto, uma horrível profecia recai sobre ele, mataria seu próprio pai e casaria com sua mãe. Na tentativa de evitar que a profecia se cumpra, resolve deixar a cidade. Enquanto caminhava sem rumo, sem saber para onde iria, Édipo encontra um grupo de pessoas, tem uma briga e acaba por tirar a vida de quase todos, restando apenas um vivo e este seria a testemunha do acontecido.

Ao chegar a Tebas, Édipo encontra um monstro chamado Esfinge, que então lhe propõe um desafio – uma charada – se o protagonista errasse, seria devorado, se acertasse salvaria toda uma cidade. Ao acertar recebe como recompensa a mão da rainha Jocasta, que misteriosamente havia ficado viúva e, ainda, foi recebido como herói em Tebas.

Passados mais de 15 anos, o agora rei Édipo e a rainha Jocasta têm muitos filhos. Foi então que a cidade começou a passar por muitos problemas, dentre eles uma doença terrível. Sem saber o que fazer, Édipo vai até o oráculo pedir conselhos e obtém uma resposta bem clara, a praga apenas findaria quando o assassino misterioso do rei Laio fosse encontrado. Conforme trecho abaixo:

Creonte: Vou dizer, pois, o que ouvi da boca do deus. O rei Apolo ordena, expressamente, que purifiquemos esta terra da mancha que ela mantém; que não a deixemos agravar-se até tornar-se incurável.

[...]

Creonte: Tendo sido morto o rei Laio, o deus agora exige que seja punido o seu assassino, seja quem for. (SÓFOCLES, 2006. p. 5 - 6)

É a partir desse momento que vários segredos se revelam durante a narrativa.

Aquele único homem que sobreviveu à briga na estrada reaparece e reconhece Édipo como o assassino de Laio e, a pior descoberta, foi saber que não era filho legítimo do rei Pôlibo e que, na verdade, era a criança que Jocasta e Laio abandonaram justamente por temerem que a profecia se cumprisse. Com isso, a profecia se realizou, Édipo matou o próprio pai e casou-se com a própria mãe, Laio e Jocasta, respectivamente.

Para efeito de compreensão, podemos observar o trecho de uma fala de Tirésias, o grande pensador que era muito respeitado à época. Ele apenas lança a informação de que Édipo seria o culpado pela mancha da cidade, o que foi o ponto de partida para que todos entendessem que o atual rei causara toda aquela situação.

Tirésias: Vou-me embora, sim; mas antes quero dizer o que me trouxe aqui, sem temer tua cólera, porque não me podes fazer mal. Afirmando-te, pois: o homem que procuras há tanto tempo por meio de ameaçadoras proclamações, sobre a morte de Laio, ESTÁ AQUI! Passa por estrangeiro domiciliado, mas se verá que é tebano de nascimento, e ele não se alegrará com essa descoberta. Ele vê, mas torna-se-á cego; é rico, e acabará mendigando; seus passos o levarão à terra do exílio, onde tateará o solo com seu bordão. Ver-se-á, também, que ele é, ao mesmo tempo, irmão e pai de seus filhos, e filho e esposo da mulher que lhe deu a vida; e que profanou o leito de seu pai, a quem matara. Vai, Édipo! Pensa sobre tudo isso em teu palácio; se me convenceres de que minto, podes, então, declarar que não tenho nenhuma inspiração profética. (SÓFOCLES, 2006. p. 21)

Antes que a verdade viesse à tona, Jocasta ainda tenta amenizar a situação, contando à Édipo sobre a história de seu filho que, ao nascer, logo foi abandonado, para que o destino de Laio, de morrer pelas mãos do próprio filho, não se realizasse.

Jocasta: [...] Vou dar-te já a prova do que afirmo. Um oráculo outrora foi enviado a Laio, não posso dizer se por Apolo em pessoa, mas por seus sacerdotes, talvez... O destino do rei seria o de morrer vítima do filho que nascesse de nosso casamento [...]

Quanto ao filho que tivemos, muitos anos antes, Laio amarrou-lhe as articulações dos pés, e ordenou que mãos estranhas o precipitassem numa montanha inacessível. (SÓFOCLES, 2006. p. 34 - 35)

Após descobrir a verdade e não saber como lidar com ela, Jocasta suicida-se e Édipo fura seus olhos e vira um andarilho, fadado a morrer e guiado pela sua filha, chamada Antígona. Tais situações expressam o sentimento de impureza que a prática do incesto traz à família, causando tragédias de grandes proporções, pois geralmente os envolvidos não sabem como reagir a isso, sobretudo quando se trata de um incesto involuntário. Vejamos o que nos diz Luzes (2001) acerca desse tema:

O incesto, nas obras literárias, ocorre em situações em que há separação física, psicológica e histórica entre mãe e filho, onde a relação sexual e amorosa acontece numa atmosfera de ausência de incesto. É o que ocorre na tragédia de Sófocles e nos romances de Eça. (Luzes, 2001, p. 38)

Não somente nesse, mas a literatura em geral nos traz inúmeros outros exemplos de incesto, tanto incesto involuntário – como é o caso de *Édipo* e também da obra a ser trabalhada neste artigo – quanto incesto consciente. Este último pode ser exemplificado na obra *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar, publicado em 1975, que retrata a história de uma simples família, moradora de uma fazenda em uma cidadezinha do interior, cuja a vida passa devagar e é sempre muito tranquila.

A família é composta por nove pessoas, que são as personagens principais e secundárias do enredo da trama. São eles: André e Ana, os principais, e como secundários temos a Mãe (que não é chamada por nenhum outro nome, a não ser este); Ióhana, que era o pai; Pedro, o irmão mais velho de André e Ana; os demais filhos, Lula, Huda, Zuleika e Rosa.

A relação incestuosa se dá entre os irmãos André e Ana. André, ao se ver apaixonado pela irmã, sabendo que é algo proibido e que jamais será bem visto perante a sociedade e a sua família, decide sair da fazenda em que mora com a família e vai para outra cidade. Porém, na fazenda, a Mãe sofre bastante com a fuga do filho e Ióhana, o pai, decide mandar Pedro em busca do irmão e trazê-lo de volta para casa, apresentando, então, uma certa semelhança com a parábola do Filho Pródigo, da Bíblia.

Pedro encontra André em um quarto de pensão e, depois de uma certa insistência, acaba por convencer seu irmão a voltar para casa. Ao chegar, a família realiza uma festa de recepção para o filho que voltara e Ana faz uma dança sensual para o irmão pelo qual era apaixonada. Com isso, o pai percebe que a relação afetuosa entre seus filhos era bem mais que o amor de irmãos, mas sim um amor carnal, um sentimento de desejos sexuais. Nas citações abaixo vemos: na primeira, o desejo do protagonista pela sua irmã explicitamente e, na segunda, já a consumação do incesto.

Era Ana a minha fome, [...] era Ana a minha enfermidade, ela minha loucura, o meu respiro, a minha lâmina, meu arrepio, meu sopro, o assédio impertinente dos meus testículos [...]. (NASSAR, 1975, p. 109 – 110)

[...] corri sem pressa o seu ventre humoso, tombei a terra, tracei canteiros, sulquei o chão, semeei petúnias no seu umbigo; e pensei também na minha uretra desapertada como um caule de crisântemo. (NASSAR, 1975, p. 115)

Não sabendo lidar com aquela situação, o chefe da família acaba morrendo de uma forma inesperada e inexplicável, talvez de um ataque de tristeza. Vemos que, nessa obra, há também, um acontecimento trágico em decorrência de uma relação incestuosa.



Por último, uma das mais recentes obras com essa temática é denominada *Proibido*, de Tabhita Suzuma, publicada em 2014 no Brasil, depois de ser traduzido por Heloísa Leal, que trata da relação incestuosa consciente entre dois irmãos que foram abandonados pelo pai e não recebiam cuidados por parte de sua mãe, que era viciada em álcool e totalmente entregue ao vício. Com isso, Lochan, o filho mais velho, foi obrigado a criar responsabilidades desde cedo para cuidar e criar seus irmãos mais novos, juntamente com a sua irmã, Maya, que era um ano mais nova.

O maior medo de Lochan era a chegada de sua maioridade que já estava bem próxima e, juntamente com ela também o momento de ir para a faculdade. Tantas incertezas sobre seu futuro lhe causaram inúmeras crises de pânico, pois não podia cogitar a possibilidade de abandonar sua família e ir para longe deles, o que resultou em sua enorme dificuldade de socialização com as demais pessoas, além de sua irmã, Maya, que era sua melhor amiga e a única pessoa em quem ele conseguia confiar.

Diferentemente de seu irmão, Maya era uma garota forte e bem extrovertida, quem sempre batalhou para manter os irmãos juntos e ajudar Lochan a cuidar de tudo. Esse contato recorrente entre os irmãos deixa de ser apenas um amor fraterno e se torna uma ardente paixão, ainda que totalmente proibida, pois vale ressaltar que, no livro, as relações incestuosas são consideradas como crime.

Mas então por que é terrível para mim estar com a garota que eu amo? Todos os outros têm a permissão para ficar com quem quiserem, expressar seu amor se quiserem, sem medo de assédio, ostracismo, perseguição ou até mesmo da lei. Mesmo emocionalmente abusivas, as relações adúlteras são muitas das vezes toleradas, apesar do dano que causam aos outros. Em nossa sociedade, progressiva e permissiva, todos esses tipos nocivos e insalubres de ‘amor’ são permitidos – mas não o nosso. Não consigo pensar em nenhum outro tipo de amor que seja tão completamente rejeitado, mesmo que o nosso seja tão profundo, apaixonado, carinhoso e forte que nos obrigar a nos separar nos causaria uma dor inimaginável. Nós estamos sendo punidos pelo mundo por apenas uma razão simples: por termos sido produzidos pela mesma mulher. (SUZUMA, 2014, p. 185)

Logo acontece de a mãe dele ir embora, viver sua vida com um outro homem, bem longe dos filhos e de todo compromisso que tivera com a família, os abandonando de uma vez por todas, o que obriga Maya e Lochan a se tornarem agora, realmente, os pais de seus três irmãos mais novos. Vivendo como um casal, escondem de todos, inclusive dos irmãos, não só a relação de amor incestuosa e proibida, como também a falta de seus pais.

### 3.2 COMPLEXO DE ÉDIPO

Foi a peça teatral Édipo Rei que inspirou o nome “Complexo de Édipo”, ideia criada pelo psicanalista Sigmund Freud que define o desejo em que a criança sente pelo membro da sua família do sexo oposto, no caso dos meninos, a mãe. Ocorre precisamente durante a segunda infância, período no qual a criança começa a saber diferenciar os sexos.

O incesto é um tema da psicanálise, mas tem sua raiz simbólica na mitologia grega. A grosso modo, pode-se dizer que o Complexo de Édipo ocorre quando a criança, no caso o menino, passa a ter atração pela figura materna. O menino passa a ter desejo pela mãe, tudo isso no campo do inconsciente. Desenvolve também uma competição contra o pai, uma vez que passa a vê-lo como seu principal rival. Na teoria de Freud:

De modo geral, o Complexo de Édipo diz respeito a considerar o genitor do sexo oposto ao da criança como objeto de amor, e os sentimentos de hostilidade em relação ao genitor do mesmo sexo. Essa seria a forma positiva do Complexo de Édipo. (PACHECO, 2009, p. 47)

Já nas meninas, o Complexo de Édipo acontece quando estas são movidas por sentimentos de identificação plena com o genitor do sexo masculino, desejando assumir o lugar da mãe, para ter total atenção por parte do pai. Pode-se encontrar o Complexo de Édipo Feminino com o nome de “Complexo de Electra”, mas Freud não concordava com essa nomenclatura, já que enfatiza a analogia da atitude entre os dois sexos, como se o pai também tivesse desejo pela filha. Porém, este não é o nosso principal ponto de abordagem, então apenas citaremos.

O Complexo de Édipo ocorre durante a terceira fase do desenvolvimento psicosssexual, chamada de Fase Fálica, que ocorre entre 3 e 6 anos, conforme nos explicita Pacheco (2009, p. 47): “a partir de uma nova concepção, Freud postula que o conflito edipiano ocorre no período fálico – quando a criança reconhece apenas um órgão genital, o pênis – classificando os seres humanos em castrados e não castrados”. Durante essa fase o foco principal são os órgãos genitais, pois é quando a criança começa a descobrir as diferenças entre macho e fêmea, passando também a ver o seu genitor do mesmo sexo como rival.

O Complexo de Castração atenua o Complexo de Édipo. O Complexo de Castração aponta a fantasia da presença ou ausência do órgão sexual masculino. Freud considera que as crianças imaginam que todas as pessoas tem pênis e se diferenciam entre pessoas que possuem pênis e pessoas que foram castradas.

#### 4. A TRAGICIDADE

Tragicidade é, de acordo com o Dicionário Online Priberam, qualidade daquilo que é trágico, daquilo que envolve tragédia, desgraça, infelicidade, fatalidade. A definição corrobora a tragicidade dada ao romance. Portanto, é também necessário distinguir os dois termos, trágico e tragédia.

O conceito de tragédia é bem amplo, a palavra em si traz a ideia de perda, calamidade, morte, erro. Contudo, a tragédia deve ser creditada como um gênero dramático da literatura que existe desde a Grécia Antiga e que perdura até hoje com a tragédia moderna, mas que pode possuir várias definições, como diz Gerd Bornhein: “deparamos na tragédia com uma situação humana limite, que habita regiões impossíveis de serem codificadas. As interpretações permanecem aquém do trágico, e lutam com uma realidade que não pode ser reduzida a conceitos.” (BORNHEIN, 1975, p.6)

O que difere tragédia do que é o trágico, é a utilização do termo, não para nomear um gênero literário e sim uma categoria que expõe certos tipos de experiências básicas da existência humana e que pode ou não estar presente nas tragédias, mas que pode estar presente em outros gêneros. Glenn Most (2001, p. 30) afirma, basicamente, que o termo não é estético, mas antropológico ou metafísico: ele não define um gênero literário, mas a essência da condição humana, em sua estrutura imutável ou como se manifesta em circunstâncias excepcionais, catastróficas.

É interessante e importante ressaltar que, até o século XIX, não havia explicação alguma para o trágico, pois não era uma temática que despertava o interesse dos estudiosos, como até hoje não é algo muito abordado. Mas foi a partir de então que filósofos, antropólogos e outros estudiosos começaram a formular alguns conceitos. Entretanto, é preciso salientar que existem várias delimitações para esse termo, visto que é um fenômeno totalmente alterável, que pode variar de acordo com o autor trabalhado, ou seja, os autores aqui trabalhados podem ter opiniões divergentes a outros estudiosos do tema.

O trágico é claramente um fenômeno dinâmico, pois não possui de fato uma definição concreta, sabe-se apenas que o conflito é um dos principais pontos que levam até ele. Marília Antunes Dantas (2007, p. 02) explica, em seu artigo denominado *Subjetividade Moderna: tragicidade e angústia segundo Kierkegaard e Freud*, as afirmações de Aristóteles e Ricoeur. Segundo a definição de Aristóteles (1990), o espetáculo de uma representação trágica deve suscitar o *phobos* e o *eleos*, e de acordo

com Ricoeur (2001), o *phobos*, emoção trágica por excelência, é a angústia elevada a seu mais alto grau, e que entrega não só a angústia de um fundamento perverso da existência, como também a angústia da culpabilidade. O que nos leva a refletir neste adendo objetivado no presente artigo, entre a relação incestuosa e a tragicidade, que estão altamente ligadas, uma vez que o incesto leva os envolvidos em tal situação a um alto teor de culpa, de impureza e o conceito aqui colocado pela autora nos mostra que a culpa é o sentimento maior e também é o responsável pelo acontecimento trágico dentro da narrativa da obra *A Tragédia da Rua das Flores*.

Um dos principais filósofos a refletir acerca da tragédia e do trágico é o alemão Arthur Schopenhauer. Para ele, a tragédia é o mais alto e o mais sobressaído dos gêneros poéticos, pois demonstra sofrimento moral, aflição, mágoa e sofrimentos humanos, desse modo levando o homem a desistir do desejo de viver; para o alemão, a renúncia é demonstração de sabedoria.

Schopenhauer também considera o acaso como grande aliado de fenômeno trágico: sendo assim, o acaso consumado como o destino coopera para que o conflito seja dificilmente solucionado. A ação do trágico está fora do controle de quem quer que seja, conforme o filósofo, “a fatal normalidade da amargura”, o destino é o responsável por criar as mais diversas circunstâncias, e essa fala do estudioso refere-se à falta de domínio do personagem sobre a sua própria vida.

Já Leal, em sua tese denominada *Elementos do Trágico em Eça de Queiroz: A Tragédia da Rua das Flores e Os Maias* (2014, p. 40), observa que “a circunstância básica para um acontecimento ser trágico é a de que haja conflito, capaz de suscitar o temor e a piedade, entre desejo obstinado e um mundo inimigo, que impeça a realização desse desejo”. Desta maneira, podemos refletir novamente sobre a relação incestuosa que contém na obra estudada, na qual o conflito é a relação propriamente dita, a proibição, o sentimento ruim que sente a personagem Genoveva, ao saber que o amor de sua vida é, na verdade, seu filho. É então que sua vida muda completamente, visto que, a partir do momento em que a tragicidade tem espaço na vida de uma pessoa, ela muda seus rumos, transforma seu destino para sempre.

Se pensar no trágico a partir de dois ângulos, verificar-se-á que, na tragédia grega, o destino da personagem é estabelecido pelos deuses. Entretanto, no momento em que o trágico se manifesta no mundo moderno, verifica-se que a personagem vive isoladamente. Contudo, tem a possibilidade de dar nova feição, de modificar a própria vida, a própria história, visto que exerce influência sobre o próprio destino. (LEAL, 2014, p. 54)

Além disso, a tragicidade sempre traz consigo um desfecho carregado de tristeza, em que muitas vezes não se trata apenas da morte real, a morte do corpo, mas abarca, principalmente a pior de todas, a morte da alma. Podemos tomar como exemplo a personagem Maria Eduarda, da obra *Os Maias*, também de Eça de Queiroz. Cabendo perfeitamente nesta temática, a personagem, após descobrir a relação incestuosa com seu irmão, não passa por uma morte literal, mas sua alma transita pelo seu acontecimento trágico próprio, tornando-se uma mulher amargurada, vivendo sempre em suas trevas internas e seu sofrimento jamais cessa, pois a morte física chegou para ela, mas sua alma estará sempre marcada pelo erro.

Eça de Queiroz tem o costume de “penalizar” suas personagens e, ainda que Maria Eduarda não tenha perdido sua vida, ela é basicamente a exceção à regra nas obras do autor; Genoveva n’*A Tragédia* e as demais personagens, como em *O Primo Basílio* ou *O Crime do Padre Amaro*, sempre sofreram com um acontecimento trágico, no caso, a morte literal chega para elas.

A especificidade trágica consiste na presença da ação. Para tanto, ela deve ser notável, precisa atingir princípios elementares, consistir em verossimilhança, ter como cunho a impetuosidade, o aniquilamento, o sofrimento e o pesar e levar à conclusão infeliz. A ação trágica discute e questiona a natureza do indivíduo, a base da sua condição e evidencia as emoções próprias do ser. (Aristóteles, 1973, apud Leal, 2014, p.51)

O sofrimento é uma característica fortemente marcada antes e depois do acontecimento trágico, principalmente sendo este a consequência devastadora de uma relação incestuosa. Vimos anteriormente dois exemplos em que os erros dos personagens, no passado, trazem para suas vidas resultados de angústia e dor, o que não pesa somente para quem comete, mas também para toda uma família que fica marcada e manchada pelo erro de outrem, bem como acontece em *Édipo Rei* e *Lavoura Arcaica*, os filhos e os pais, respectivamente, recebem toda aquela carga de amargura deixada por quem se foi e, sofrem mais ainda por quem ficou. Ou, no caso de *Lavoura Arcaica*, morrem, literalmente, de tristeza por não saber como lidar com uma situação que jamais imaginara acontecer com sua família.

É importante ressaltar, inclusive, que cada autor se utiliza destes pontos conforme acredita, o famoso “bem entender”. Há autores que elegem a morte o fim dos personagens, como há outros que optam apenas pelo o sofrimento até o final da vida de cada personagem. Para completar estas características, Luciana Leal Ferreira nos aponta os elementos do trágico em sua tese que é de grande importância para este trabalho.

Apontaremos alguns com base no que a autora nos mostra.

<p><b>Hybris</b> – Desmesura. Sentimento que conduz os heróis da tragédia à violação da ordem estabelecida através de uma ação ou comportamento que se assume como um desafio aos poderes instituídos. O herói trágico não possui consciência em relação aos seus erros.</p>
<p><b>Anankê</b> – É o Destino, a inevitabilidade. Encontra-se acima dos seus próprios deuses, que não podem contrariá-lo.</p>
<p><b>Pathos</b> – Sofrimento progressivo do(s) protagonista(s), que é imposto pelo Destino – <i>Anankê</i> – e é uma consequência de suas ações.</p>
<p><b>Ágon</b> – Conflito, que é a alma do acontecimento trágico, é decorrente da <i>hybris</i> anteriormente desencadeada pelo(s) protagonista(s) e que se manifesta na luta contra os que zelam pela ordem estabelecida. Em resumo, <i>é a luta entre o bem e o mal</i>.</p>
<p><b>Peripécia</b> – Acontecimento imprevisível que altera o rumo da história ou dos acontecimentos, no geral, que compõem a ação dramática; toma o rumo totalmente contrário ao que se esperava do desenrolar da história.</p>
<p><b>Anagnórise (ou Reconhecimento)</b> – O <i>Reconhecimento</i> pode ser a compreensão de acontecimentos acidentais – ou trágicos -, mas, quase sempre, se traduz na identificação de uma nova personagem.</p>
<p><b>Catástrofe</b> – Desenlace trágico, que pode ser indicado desde o início, uma vez que é resultado claro do conflito entre a <i>hybris</i> (desmesura, ameaça de desordem) e a <i>anankê</i> (que é a inevitabilidade), conflito desenvolvido em um crescente de sofrimento, o <i>pathos</i>, até chegar ao clímax (o seu acontecimento principal e marcante na trama).</p>
<p><b>Katharsis (ou Catarse)</b> – Purificação das emoções e paixões (idênticas às das personagens da obra), efeito que se pretende da tragédia, através do terror (<i>phobos</i>) e da piedade (<i>eleos</i>) que deve ser provocada nos espectadores.</p>

No entanto, para este trabalho selecionamos apenas quatro destes elementos a

serem relacionados com quatro partes da obra de Eça de Queiroz estudada, que são essenciais para análise, de acordo com nossa temática. Para isso, denominamos os pontos como: “O encontro”; “O envolvimento”; “A descoberta da relação incestuosa”; “O acontecimento trágico”, discorridos a seguir.

No primeiro momento, destaca-se o elemento trágico *Anankê* que, por ser a inevitabilidade refere-se ao momento em que os personagens principais, Genoveva e Vítor, encontram-se quando estão saindo de um espetáculo. Isso se dá logo após o retorno de Genoveva a Portugal. A *Anankê* é colocada desta forma, pois sabe-se que o reservado a todos pelo destino é inevitável e está acima de todas as ordens dos deuses, o acaso é o ponto mais alto na construção das obras trágicas. A exemplo o trecho abaixo:

Mas então Madame d'Héronville voltou-se e pareceu reparar em Vítor: mesmo os seus olhos negros, que reluziam, pareciam maiores debaixo do capuz, pousaram-se num momento nele.  
[...] e ela, no movimento de apanhar melhor a cauda, tornou a voltar-se, e fitou Vítor, diretamente; ele ficou todo suspenso, com o coração surpreendido. A portinhola bateu. (QUEIRÓS, 1980, p. 59 – 60)

O segundo elemento é a *Peripécia* que, como já exposto anteriormente, é uma mudança inesperada no enredo da trama, ou seja, uma reversão das circunstâncias dadas. Na obra, referimos ao momento em que as personagens principais iniciam o seu envolvimento, a relação. Porém, acontece a *Peripécia* quando Timóteo reconhece Genoveva e fica horrorizado com toda a situação e, se sente bem pior quando lembra do que pode acontecer e vai em busca da mulher na tentativa de impedir que o relacionamento com Vítor continue. No trecho abaixo, trazemos um trecho que retrata o início do relacionamento.

Dentro dum vaso, estavam umas poucas de camélias: - Vítor pôs-se a gabar-lhas. Ela, calada, pousou o pente, que retomara, - e, sem se voltar para ele, escolheu uma vermelha, tirou-a do vaso, e, voltando-se, meteu-lha na casa da casaca: os olhos de Vítor devoraram por um momento os de Genoveva: as mãos dela ao fixar a flor, tremiam: e disse, com uma voz ligeiramente perturbada:  
- Não vai a perder, hein? ...  
Vítor teve uma audácia e num ciciar de voz prudente, ferindo as palavras, com um mordente apaixonado:  
- Vou guardá-la para sempre.  
Ela teve logo um risinho. (QUEIRÓS, 1980, p. 147)

O terceiro elemento a ser abordado é a *Anagnórise*, na trama é relacionado ao momento em que Genoveva passa a ter conhecimento sobre a situação em que está envolvida, é a descoberta. Após Timóteo a reconhecer, ele conta a verdade e diz que Vítor é, na verdade, filho de Genoveva, o filho que ela sempre acreditou estar morto

estava vivo e isso lhe causou a sensação de horror que o incesto sempre causa nos envolvidos inconscientes da relação incestuosa, o nojo toma conta da personagem, a sensação de impureza e de pecado são reais a partir desta descoberta.

“Seu marido? Quem era?

[...]

- Por quê? Meu marido? Chamava-se Pedro da Ega.

- Oh, maldita! Maldita! Maldita! Bradou Timóteo.

E os seus braços erguidos tinham um tremor, o olhar alucinado, e com uma voz estrangulada, medonha:

- Mas esse homem é Vítor da Ega! É seu filho! Eu sou Timóteo da Ega.

Ela levou as mãos à cabeça, com um gesto medonho: os olhos saíam da órbita, a boca aberta queria gritar; começou a torcer as mãos: a sua trança soltou-se: levou os dedos convulsivamente ao colar, a mola desprendeuse; e dando passos vagos pela sala, com sons roucos e terríveis, os braços altos batendo o ar, - foi cair sobre o tapete, com os braços abertos.” (QUEIRÓS, 1980, p. 450 - 451)

Por último, temos o quarto elemento, a *Catástrofe*. Neste ponto, Genoveva ao ser dominada por todo o asco é levada a protagonizar o elemento trágico da obra, ao cometer suicídio, se jogando da janela do apartamento em que morava, na Rua das Flores. Geralmente, neste elemento o fato mais comum é, de fato, a morte, mas apesar da personagem cometer suicídio e ainda machucar Vítor no momento do seu ápice de nojo de si própria e dele e da não aceitação de que tudo aquilo não passava de um grande erro cometido inconscientemente pelos dois, o mocinho da trama consegue se recuperar posteriormente e segue sua vida, pois jamais descobrira que a mulher que ele mais amou e que seria um romance para durar para sempre, era sua mãe. Ainda que, no futuro, conhecesse outra pessoa, constituísse família, sempre se lembraria do amor que a tragicidade levou como punição dos seus erros.

Genoveva não conseguiria lidar com a situação de ter um relacionamento com seu próprio filho. A dor da culpa era grande, diríamos até insuportável. Como enfrentaria seu filho (ou namorado)? Como lidaria com o julgamento da sociedade? Não há como saber; o que se sabe é que a culpa, o sentimento de impureza, como uma relação incestuosa causa nas pessoas envolvidas irá causar um acontecimento trágico, um fim trágico para aquela família, é a consequência, um castigo divino para um pecado mortal.

- Genoveva, meu amor, que é? – E deu um passo.

Mas ela, possuída dum terror alucinado, recuou, - e de repente, encolhida, procurou com os olhos ferozmente engazeados, uma porta, um canto, uma saída.

- Ai meu Deus, que endoideceu! – exclamou ele com uma voz chorosa e dilacerada:

- Ouve, Genoveva, sou eu!

- Maldito! Maldito!



E, olhando num relance, correu à janela, e, lançando o corpo sobre o peitoril, atirou-se, como um grito estridente. Vítor sentiu ainda o seu corpo fazer, na rua, como um som baço e mole dum fardo de roupa. (QUEIRÓS, 1980, p. 454)

Vale ressaltar, como também fora dito anteriormente, Vítor jamais soube da verdade por trás do suicídio de Genoveva. Após se recuperar do incidente, ele vive seu tempo de luto, como um homem viúvo que perdera seu amor e logo segue em frente, ao que se espera, visto que a narrativa não conta o que aconteceu depois disso. Mas sabe-se que Timóteo, o tio de Vítor, jamais conta ao sobrinho o que realmente acontecera e com isso, Genoveva leva consigo não só a dor do erro, a mancha e o horror a si mesma, mas também toda a verdade da relação com seu filho. Enquanto que o tio de Vítor também não fazia questão de lembrá-lo sobre o acontecimento trágico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo empenhou-se em desenvolver uma breve análise sobre a presença da tragicidade como consequência da relação incestuosa contida no romance *A Tragédia da Rua das Flores*, do autor português Eça de Queirós. Fica claro que os elementos analisados se configuram no enredo, tanto da obra selecionada, como nas demais citadas como exemplos, nos permitindo afirmar que o trágico, a dor, a tristeza ou até mesmo a morte (ainda que esta não seja física) estão sempre presentes no seio familiar de quem pratica o incesto.

Com isso, vimos que tais temáticas ainda são um tabu, principalmente a relação incestuosa tão realista que, possivelmente foi a maior motivação de a obra não ter sido publicada pelo autor ainda em vida e, ainda hoje, são pouco discutidas. Assim como o romance, até o presente momento, é pouco conhecido e quase nada explorado pela academia. Desse modo, consideramos que esta pesquisa ainda possa continuar e torcemos para que outros pesquisadores também conheçam o romance e o explorem, estudem, investiguem e se apaixonem ainda mais pela escrita do grande Eça de Queirós.

*“Vista de perto, a vida é uma tragédia. Vista de longe, uma comédia”*

## REFERÊNCIAS

- BÍBLIA, A. T. Levíticos & I Coríntios. In: *Bíblia Sagrada: Revista e Atualizada no Brasil*. Tradução: João Ferreira de Almeida. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011. p. 164.
- BORNHEIM, Gerd. “Breves observações sobre o sentido e a evolução do trágico”. In: *O sentido e a máscara*. São Paulo: Perspectiva, 1975. p. 69-92.
- BRASIL. *Código Civil, Lei 10.406, de 10 de janeiro de 2002*. 1ª edição. São Paulo: Revista dos Tribunais: 2002.
- CABRAL, Otávio. *O Trágico e o Épico pelas Veredas da Modernidade*. Maceió: EDUFAL, 2000.
- COHEN, Cláudio. *O Incesto: um desejo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1993.
- COHEN, Cláudio. GOBBETTI, Gisele Joana. *O incesto: o abuso sexual intrafamiliar*. Disponível em <http://www.usp.br/cearas/ARTIGOS/oIncestoOabusoSexualIntrafamiliar.htm>. Acesso em 13 mai 2019.
- DANTAS, Marília Antunes. *Subjetividade Moderna: tragicidade e angústia segundo Kierkegaard e Freud*. Disponível em: [https://www.psicologia.pt/artigos/ver\\_artigo.php?codigo=A0353](https://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0353). Acesso em 25 set 2019.
- FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Tradução Paulo Dias Corrêa. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- LEAL, Luciana Ferreira. *Elementos do trágico em Eça de Queirós: A tragédia da Rua das Flores e Os Maias*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- LUZES, Pedro. Adopção (Múltipla e intrafamiliar de Eça de Queiroz). In: MATOS, A. Campos (org). *Dicionário de Eça de Queiroz*. Lisboa: Caminho, 1988.
- MOST, Glenn. Da tragédia ao trágico. Tradução de Constança Ritter. In: ROSENFELD, Kathrin Holzermayr (Org.). *Filosofia e Literatura: o trágico*. Série 3, n1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 20 – 35.
- NASSAR, Raduan. *Lavoura Arcaica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1975.
- PACHECO, Cristiane de Almeida. *O Complexo de Édipo e sua importância no diagnóstico e tratamento*. 2009. 113f. Dissertação (Mestrado em Psicanálise, Saúde e Sociedade) – Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro, 2009.
- TRAGICIDADE. In: *DICIONÁRIO da Língua Portuguesa*. Lisboa: Priberam

Informática, 1998. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/tragicidade>. Acesso em 11 jun 2019.

QUEIRÓS, Eça de. *A Tragédia da Rua das Flores*. Lisboa: Moraes Editores, 1980.

QUEIRÓS, Eça de. *Os Maias: episódios da vida romântica*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

REIS, Carlos; MILHEIRO, Maria do Rosário. *A Construção da narrativa queirosiana. O espólio de Eça de Queirós*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Esboço de história da teoria do ideal e do real*. Tradução, prefácio e notas de Vieira de Almeida. Coimbra: Atlântida, 1966.

SÓFOCLES. *Édipo Rei*. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2006.

SUZUMA, Tabitha. *Proibido*. Rio de Janeiro: Editora Valentina, 2014.